N.º 79 Ovar, 17 de Novembro de 1907 Anno II

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS
Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A VERDADEIRA LIBERDADE POLITICA

—

(Segundo Laboulaye)

As liberdades politicas mudam com as nações e os tempos.

Nem sempre são precisas as mesmas garantias—a defeza varia com o ataque.

Com magistraturas electivas, annuaes, responsaveis, a intervenção e o voto dos tribunos, com a tribuna sempre franca no *Forum* os romanos protegiam a liberdade tão energicamente como as constituições modernas—chegavam ao mesmo fim por outros meios.

Nos nossos dias para darmos outro exemplo é na imprensa que está a suprema garantia de todas as liberdades.

Cada manhan ella faz comparecer perante o paiz inteiro os membros das camaras, os magistrados, e os administradores.

Na nossa epocha o poder é a opinião, hoje soberanos e representantes são apenas mandatarios. O segredo de reinar consiste em ou vir a voz publica, que não se despresa impunemente.

Eis ahi uma nova força, que transforma as relações entre governantes e governados, da mesma sorte, que o vapor, supprimindo as distancias, abolio as fronteiras, e alterou as relações entre os povos.

D'ambos os lados é uma revolução, feita em proveito do maior numero, é o advento da democracia.

Inutil se torna o insistir sobre uma verdade tão evidente—mas cada geração cria um ideal, que desaparece com ella e de que as instituições politicas sejam o elemento mobil da civilisação não pode duvidar-se, verdade é, que na historia se acha escripta em caracteres indeleveis, todavia convem não exageral-a.

Se é certo cada seculo comprehender a seu modo o problema politico, não o é não terem os povos da mesma origem, e no mesmo grau de civilisação, as mesmas necessidades e não estarem aptos ao goso dos mesmos direitos.

Exagerar as differenças nacionaes não tem sido muitas vezes senão um sophisma habil para negar-lhes as suas justas pretenções, e com estes sophismas a França soffreu mais que nenhum outro paiz do continente.

Os nossos maiores foram os primeiros a reconhecer, que era preciso harmonisar as constituições com as novas sociedades, ou com o temperamento dos povos—mas prejudicaram esta idea justa exagerando as differenças entre elles, e despresando a experiencia—convencidos, de que a razão podia inventar as instituições necessarias, e que bastava um decreto para regenerar trinta milhões d'homens.

Nada imitar dos inglezes, construir um edificio politico, inteiramente novo, que não se parecesse com nenhum conhecido, foi a chimera dos constituintes de 1789. Assim por despreso da Inglaterra repelliram as duas camaras, sem attenderem, a que esta divisão da legislatura conservada pelos democratas americanos, era uma necessidade de todos os tempos.

Entregar a um homem, ou a uma só assemblêa um poder sem limites e sem responsabilidade, é em ambos casos o despotismo.

Mas o mais intoleravel de todos os despotismos será sempre o de uma camara unica, porque paralysa o governo, e domina o povo, favorece a anarchia, e o poder arbitrario.

Os erros da *Constituinte* não esclareceram a *Convenção*—e a mesma vaidade legislativa, que perdeu a França em 1789 e 1793, perdeu a republica de 1848.

Hoje é entre os conservadores que se encontra o desdem das instituições estrangeiras—Accusa-se o parlamentarismo, isto é, a influencia das camaras nos negocios publicos—chega-se a dizer, que o governo do paiz pelo paiz não era a gloria da civilisação moderna, mas um mero accidente da historia nacional - que nada éra mais fatal ás velhas raças latinas—o que estas precisam é de unidade—d'um chefe energico e absoluto, da centralisação, que só pode conter os meridionaes apaixonados e turbulentos.

E' uma theoria engenhosa, e que se presta a bellas variações n'um jornal, mas que só indica a fatuidade, com que se não attende á experiencia.

Não chegaria ainda o tempo de se crer que é homogenea a civilisação da velha Europa, que não é rasoavel inventar um regimen politico exclusivamente francez, como seria insensato inventar uma industria exclusivamente franceza regeitando tudo o que a experiencia ensinou aos inglezes e aos americanos?

Se a industria não tem patria, igualmente a não tem a liberdade.

(Continua).

Labolaye.

THIERS

—

Como historiador e Homem d'Estado

IX

Quando o Mr. Thiers assumiu a direcção suprema dos negocios da França, o imperio estava em absoluto descredito, todas as classes impressionadas com o desfecho da politica bonapartista: uma execração geral acompanhava Napoleão III ao exilio; tornava-se bem visivel o odio dos governos europeus ao ex-imperador; e o seu partido annullado e condemnado na opinião da França e da Europa não tinha uma esperança de sobreviver-lhe.

Então esse elemento neutro, mas poderoso, a massa enorme dos indifferentes, sem ideias nem convicções politicas, que tanto pertence á monarchia como á republica, que nas crises se recolhe e não se manifesta e por isso faz mentir todas as previsões apparecendo depois ao lado de quem lhe prometta algum socego e estabilidade, receioso das vaidades do cesarismo dominado pela mania aventurosa da guerra, dar-se-hia á republica acabando de ter o terrivel desengano de que os sabres de um governo pessoal e arbitrario não valem tanto para a ordem e os interesses reaes como o bom juizo de uma nação que se governa por si mesma sob uma forma qualquer, na qual imponha a sua vontade e dirija os seus destinos.

Emquanto a mim é esse elemento o que deve merecer a maior attenção do estadista ou de um chefe politico para não arriscar um acto que possa alheal-o de si ou do seu partido.

Ora Mr. Thiers espaçando, prolongando o estado provisorio, e por outros motivos que já exposémos, fez perder á republica, conservadora ou progressiva, a immediata adhesão d'esse elemento numeroso.

Estando, por culpa do snr. Thiers. constituido e fortalecido um governo adverso, para derrubar o qual é precisa uma revolução, uma lucta perigosa, aquelle elemento se unirá ao governo para obstar á revolução, que teme, e julgando evital-a appoiará o restabelecimento da monarchia.

E ainda não está definitivamente ligado ao poder, se os republicanos ainda o não perderam, é porque estes teem mostrado uma prudencia exemplar, um espirito de ordem admiravel, uma moderação que ninguem lhes suppunha. Assim a tactica dos seus adversarios tem sido provocal-os porque ao mais pequeno symptoma de revolta se lhes offerece a occasião idonea ao golpe d'estado ha muito apetecido.

Demais a situação monarchica é ainda indecisa, divergente, heterogenea, e não affiança a ordem, mas significa uma lucta se fôrem mais além do *estátuquo*. As ultimas eleições denunciam a força e a generalidade dos sentimentos democraticos. De ambos os lados crescem obstaculos. D'ahi o equilibrio e o empate.

E continuando os republicanos como se ajuisa da sua conducta, esta politica expectativa, moderada, até paciente, e a invergonharem o snr. Thiers que na tribuna os chamou—*loucos furisos,*—irão ganhando mais convicções reflectidas e fortalecendo-se moralmente.

X

Eis ahi o que resulta da queda do imperio e do governo do snr. Thiers. Emquanto aos serviços que o ex-presidente presta ao seu paiz desde 1870 a 1872 é costume amplifical-os com o pomposo nome de—reorganisação da França: mas em criar impostos e reconstituir o exercito não fez mais do que continuar as funcções ordinarias dos ministerios. Foi sem duvida um trabalho excessivo para a sua idade, em que manifestou mais uma vez a sua experiencia e variados conhecimentos. Pagou a enorme contribuição de guerra, como a pagaria um outro que estivesse em seu logar. A França ficou vencida,—mas não desorganisada, nem arruinada. Aberta a subscripção para o emprestimo, foi este coberto quatorze vezes em poucos dias. Não se deve por conseguinte a grandes e profundas combinações do snr. Thiers a solução d'este negocio, pois não havia tempo para ellas: foi a riqueza da França a garantia d'essas sommas exorbitantes, que não seriam pagas pelo mesmo governo, e não a respeitabilidade do chefe, que por maior que fosse não era sufficiente garantia. Os banqueiros intendem bem os seus negocios, e sabem que as praças são solidarias e influem umas nas outras: uma crise monetaria em França iria reflectir-se principalmente n'aquelles paizes em quem se acha mais relacionado o seu commercio: e foi isto o que elles quizeram prevenir contribuindo todos para essa operação financeira, mesmo os estrangeiros, e entre estes muitos allemães.

XI

Dizia-se tambem que a França e a assembléa estavam aos pés do ex-presidente. Para sabermos o que vale esta asserção, basta lembrar o que se passou entre a maioria e o conde d'Arnim. Quando Thiers s'esforçava, já tarde, em obter da assembléa o estabelecimento da republica definitiva, perguntou o embaixador a Birmark se convinha á politica allemã tramar a queda do presidente: Bismark respondeu que deixasse em socego a republica: não agradou isto ao enviado de Berlim, que começou a intrigar, com a aristocracia da sua côrte, e com a maioria da assembléa franceza, a qual se dispoz a fazer cahir o snr. Thiers, se de Berlim lhe viesse a segurança de que esse acto não traria complicações diplomaticas á situação que ia succeder-lhe: sabida que foi a resposta, o snr. Thiers teve que resignar a presidencia.

Ora eis ahi no que consistia essa superioridade á qual a assembléa parecia tão submissa.

Pertence o snr. Thiers ao partido das ficções constitucionaes, onde os chefes exercem sob a forma representativa, que sophismam um poder arbitrario, voluntarioso e intransigente, disfarçam nos pretextos da razão d estado os interesses, as vinganças, e os fins das ambições pessoaes, e transformam a soberania popular em absolutismo, como a velha realeza transformava o direito divino.

XII

Os coryphéos d'este systema em França são: Robespierre, o mestre: Napoleão, o seu discipulo e admirador, a quem muito agradou a tactica do jacobino, e como estes igualmente hypocrita em umas phrases soltas, reproduzidas a esmo da linguagem de 93, de um lyrismo emphatico, e sem sombra de principios ou de convicções, com que ainda quiz illudir o mundo no Memorial de Santa-Helena dictado aos dois piegas, Las-Casas e O-meara, e por elles envolvido n'uma rethorica de aduladores, que umas vezes injoa, outras faz rir: Luiz Filippe em certa épocha do seu reinado, e com alguns dos seus ministros como Casemiro Perier: Napoleão III: e finalmente o mesmo snr. Thiers, o mais talentoso, o menos forte de caracter, e o mais facil em se amoldar a situações differentes para seduzir a popularidade.

Não nos esqueçamos tambem de que o ex-presidente votou e defendeu com calôr em 1835 as terriveis leis de septembro. (Chevalet, Historia Moderna, pag. 317.)

Viciando o systema representativo, a tactica d'estes sophistas, quando moderados, cifra-se em tornar predominante uma certa classe, a qual comprehende uma grande parte da burguezia, os que não teem partido, e os que pertencem a todos, e em troca d'esse predominio fazel-a bem dependente e sobordinada: para esse fim ageitando a lei eleitoral de modo que as grandes maiorias se componham dos seus representantes, como esta classe não precisa de reformas, as consequencias de um tal systema são a immobilisação e o desespero de todas as outras: d'ahi as revoluções. A esta habilidade juntam algumas vezes o terror, como em 1871 os fusilamentos dos communistas em Paris, e as metralhadas de Leão em 1834.

E' o snr. Thiers um d'estes roués que sabem a mechanica politica, os artificios e habilidade da arte de governar, mas que são indifferentes á indole das ideias, e ao espirito dos systemas.

Porque razão é o snr. Thiers desde 1871 um republicano convencido e declarado e não o era dois annos antes? Acaso em tão pouco tempo mudaram as condicções da sociedade franceza? Não conhecia elle o estado dos espiritos? Eram tão confusas e complicadas as situações dos partidos, tão incerto o mais conveniente ao bem estar da França que o velho estadista. vivendo sempre no ambiente politico, só póde mudar conscientemente de opinião em 1872? E' singular esta sua tardia metamorphose, esta adhesão a uma causa cujo processo, como bom juiz, ha muito que devera ter julgado!

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

LITTERATURA

O MAR

—

Dizem que o mar é bonito!
Pode ser... eu acredito
Que falle de boa fé
D'essas bellesas tamanhas,
Quem não lhe conhece as manhas,
Quem não sabe o que el e é.
Mas quem tenha percorrido,
Cruzado em todo o sentido
A liquida vastidão,
Dirá com toda a razão
Aquillo mesmo que eu creio,
Que não pode haver no mundo
Nada que seja mais feio,
Que o tal pelago profundo!
E' vasto, dizem;... decerto...
Mas ninguem chama ao deserto
Bonito, por ser extenso,
E n'este deserto immenso
Passa-se um dia, outro dia,
Passam-se dias sem conto,
Na eterna monotonia
De não haver um só ponto
Onde a vista repousar;
E não tem sombra de graça
Que a gente por mais que faça,
Veja apenas ceu e mar!
E' calmo, dizem;... conforme!...
Mas ser assim uniforme
Não é belleza tambem,
E quando do ceu não vem

Algum bafo desgarrado
Que lhe quebra a indolencia,
Perde a gente a paciencia,
E pede que venha vento,
Que dê vida e movimento
A'quelle lago estagnado!
E se elle vem finalmente,
Mais ás vezes do que a gente
Tinha pedido, é então
Que e ver tudo sacudido
No dorso do vagalhão!
Mas dizem:... que magestade
A furia da tempestade,
Ao oceano vem dar!
Como é bello e magestoso
Esse aspecto temeroso
Das grandes ondas do mar!
E' magestoso?!...que diga
Quem já sentiu a fadiga
D'um dia de temporal,
Se teve tempo e vontade
De pensar na magestade,
Ou de encontrar formosura
Na medonha catadura
D'esse elemento brutal?!
Se em vez de se extasiar,
Não cobriu de maldições
As negras ondas do mar,
A furia dos vagalhões?!
Mas ha ainda as bellezas,
E consta que são infindas,
Que o fundo do mar encerra;
Occultas nas profundezas.
São ellas lindas... tão lindas,
Como não ha sobre a terra!
Eu quero crer que assim seja,
Pena é que se não veja
Tanta belleza escondida;
Que os tristes olhos sem vida
Dos que descem lentamente,
Não hão-de ser deslumbrados
Pelo aspecto sorridente
Dos taes fundos encantados!
Que importa, pois, que o coral,
Ou as perolas mais finas,
Abundem n'essas campinas
Sob o liquido crystal,
Se não ha ninguem que visse,
Largando o fundo do mar,
Virem perolas boiar,
Ou coraes, á superficie?
Quem viu, pois, as maravilhas,
Que dizem ser aos milhares,
Da base occulta das ilhas
No fundo occulto dos mares?
Que valem coisas tão bellas,
Saiba-se embora onde estão,
Se os mortos não pódem vêl-as
Se os vivos nunca lá vão!

.....

A velha mythologia
Fez um mar de phantasia,
Encheu o mar de illusões,
Descreveu-lhe as coisas feias
Chamando a umas sereias,
Chamando ás outras tritões;
Mas n'essa formosa lenda
Supponho que ha quem entenda
Que se deve acreditar,
E piamente acredite
Que anda por lá Amphitrite,
E que a Venus, que é tão linda,
Como outr'ora sae ainda
Da branca espuma do mar!
Não pensa, velho enrugado,
Quem sympathisa contigo,
Que tu és um inimigo,
E que a somma de agonias,
Sobreleva ás alegrias,
Que o mar ao homem tem dado!
Uma coisa, e uma apenas,
Faz esquecer tantas penas,
Que ao homem tu déste já;
E' que elle, sobre os abysmos,
Fez theatros de heroismos
Como na terra não ha!
Não é pois o attractivo
D'uma belleza fingida
Que faz arriscar a vida
Nos transes do teu furor;
Mas sabes tu, velho mar,
O verdadeiro motivo
Porque o homem te procura,
E te ha-de sempre buscar?
E' que lhe dás mais valor,
E lhe augmentas a estatura,
Quando lhe fazes pensar,
Que é grande, se tu és grande,
Quem te domou... velho mar!

Celestino Soares.

A' gandaia

Os senhores desculpem; mas ainda hoje lhes vou fallar no desterrado da Povoa de Lanhoso—o João Cégo, que cá em Ovar ficou conhecido por *João Franco*.

Mas que raio de massadôr nos sahiu este Gil-Braz?—dirão os leitores. Não é bem assim, meus amigos. O João Cego tem o direito a que se lhe dedique mais uma *chronica*. Por ventura as gazetas existem sómente para dizer que A. fez annos, que B. regressou da praia de tal, que C. passa incommodado de saude, que D. partiu para Lisboa ou que X. voltou do Pará?

Parece-me que não, que a missão da imprensa é mais nobre e alevantada. Por isso mesmo o desterrado João Cego, ou João Franco, terá hoje *chronica*.

E sabem porquê? Porque o homem já ahi não está. Recebeu *guia de marcha* e lá foi como uma setta despedida do arco—a caminho da sua velha choupana. Acabou, para elle, o martyrio do desterro. Merece *chronica*, assim como pela mesma rasão, qualquer pessoa que tira passaporte para a outra Vida, lá vêm os gaseteiros, todos lépidos, a escrever-lhe o necrologio. Elles podiam ter sido uns refinadissimos patifes, uns intrujões, uns verdadeiros mariolas.

Mas quê? Ainda o coveiro não tem lançado a ultima pásada de terra sobre a sua sepultura, já o jornal lhe publica o necrologio, bem florido,com quatro phrases bombasticas, a onde se lêem os nomes mais lindos, que em vida lhe negaram! Mas o *caso* tem facil explicação: ou era assignante da gaseta, ou tinha, na familia, pessoa que, assignava.

Pois o João Cego, apesar de não ser assignante, tambem ha-de ter *chronica*. O'lé!

* * *

João Franco, o *desterrado*, abandonou-nos. Recebeu *alta* no dia 10 e lá se foi paraa terra natal! Expiada a pena, não quiz por mais um momento aquecer-se ao sol-vareiro. E achando-se livre, como a aguia, prega a pirraça de deixar Ovar na vespera de S. Martinho!

Elle, o desterrado, que tinha vindo para aqui, cumprir pena pelo crime de embriaguez, abannona a eleição, covardemente.

Fugio na vespera de lucta, precisamente no momento em que os *influentes* fasiam cálculos sobre a votação certa e infalivel. Que motivos levaram João Cégo a abandonar o campo da batalha? Acaso veria ella perdido a eleição, e receiando uma derrota vergonhosissima, apressou-se a regressar ao patrio ninho?

Que ideia accudiria ao seu espirito para assim proceder?

Não sabemos.

Mas elle, quando ia d'abalada para a sua terra, *conferenciou* com alguns dos seus eleitores, e a estes—segundo nos contaram—fez a confidencia de que abandonava a eleição porque .. estava irremediavelmente perdida.

Pois quê? João Cego ia capitular sem honra e sem brio?

Elle, que era portador d'um alvará de folha corrida, que só isso lhe bastava para dar uma grande maioria, desiste? Não podia ser.

Ou João Franco era um embusteiro, ou um traidor.

Galopinou durante seis mezes por essa villa-fóra, e, conseguiu mais adeptos do que o João Franco ligitimo na Assembleia d'Alcantara. E depois, o alvará, aquelle famoso alvará que era o seu melhor titulo de *gloria* e de guerrilheiro...

Nada! Por certo, houve traição. João Cégo, *á ultima hora*, tinha-nos sahido um traidor pifio e réles.

E essa má impressão não se tinha afugentado ainda do nosso espirito, quando um eleitor firme do *desterrado*, affirmou em publico: O João Franco, nosso chefe, não disputou a eleição, porque a perdia. Andou ainda na vespera da partida, a dar os ultimos *assaltos* á sua gente.

Encontrou uns, fieis, inabalaveis, *franquistas* d'alma e coração; outros, amuados, desculpando-se: eram os *amarellos*. João Cégo passa em revista as suas forças. As assembleias do nascente (Luzio), norte (Ventura) e poente (Malaquias) davam uma maioria grande. Mas a do sul (Cazal) era adversa. João Franco não podia contar com ella que votaria contra, de *chápa*.

E era tal a sua força, que esmagava a votação das tres assembleias restantes. Por isso, João Cégo não acceitou a lucta, antevendo uma derróta,e fez bem.Pediu *alta*, e foi, a toda a préssa, ver se accudia á eleição da Povoa do Lanhoso.

Com Ovar, não podia elle contar. Era uma derrota em toda a linha!!!

...E o leitor *franquista* que foi despedir-se do chefe á estação do caminho de ferro, accrescentou que ao João Cégo, ao ouvir o silvo agudo da locomotiva, arrasaram-se-lhe os olhos d'agua exclamando: Eu não, fugia como um covarde, não mas aquella maldita *assembleia* do Cazal... transtornou todos os meus planos.

.....

Esta fuga, não obstante ter uma justificação que convence, a nosso vêr, foi a unica mancha que sujou o alvará do pobre João Cégo!

Gil-Braz.

EM JUSTA DEFEZA

(A lenda d'uma apostasia... politica)

Parece que ainda não estou em mim!...

Li os dois primeiros capitulos do livro aberto pelo sr. conselheiro para nelle escrever a «historia» da minha apostasia politica e verifiquei, como toda a gente que s. Ex.ª se apresentou alli aprumado e cortez; mas não virei a folha e e por isso não vê a porcaria que vinha no reverso... Foi preciso que pessoa amiga chamasse a minha attenção para o caso para eu o fazer!

Cahi das nuvens! Que homem este, disse com os meus botões; acaba todo liró, todo palido em fim como um homem que se presa; aqui... parece um fadistão que pela calada da noite tenta ferir o viandante...

E que devo eu com tal caso fazer? O que faz toda a gente a quem isso acontece.

Por-me em guarda e procurar não ajustar o bandulho aos seus golpes, mas desarmal-o.

No entanto é preciso confessar que o caso é simtomatico... revelador da nobreza d'alma do nosso homem, na sua alta *craveira moral*, da sua lealdade e probidade jornalistica... Lá isso é.

Realmente espantou-me um tal procedimento!

Um homem formado e demais a mais conselheiro a proceder assim...

Só se os artigos da tal historia, lendo ao romance são escriptos antes de jantar e os outros depois...

A não ser isso confesso que não sei explicar o caso.

Admiro-me no entanto que S. Ex.ª não se lembrasse do que disse a si e a sua posição social e enveredasse por tal caminho!

Sr. conselheiro, repare no abysmo que se lhe cava aos pés! Veja que tão mal lhe fica estar a fazer-me fogo por detraz de *maraus*, *de maraus* tão conhecidos por estas redondezas, de maraus... os insultadores de toda a gente honesta e seria duma freguezia (e quem sabe se pela mão de V. Ex.ª porque V. Ex.ª e elle confessou que a paternidade de taes escriptos lhe pertencem! Prah *pcedor*!)

V. Ex.ª de braço dado com maraus e, o que é mais, a querer mostrar-se com tão honrosa companhia ás galerias onde se encontram os homens de bem.

Por Deus, senhor conselheiro, recue e emquanto é tempo!

Mas...dar-se-ha o caso de V. Ex.ª os não conhecer?

Ah! não o creio! Mas se os não conhece...venha a Cortegaça, vá a Villa Nova de Gaya, e ouça as pessoas que os conhecem...

Mas desde já lhe posso eu dizer isto: essa camaradagem não o honra e por isso mande-a á fava...

Olhe que quem acompanha com maraus...

O dictado é velho, mas é profundamente verdadeiro e fatal...

Por tanto... afaste-se do errado caminho por onde vai, retome a sua casaca conselheiral e... vá para junto dos homens de bem.

Assim sim, que em camisa de manga arregassada e de navalha em punho... isso é feio deprivamente.

Deixe pois o seu feitio leifronte.

Atira-me, mas de viseira erguida, frente a frente.

Largue de mão os maraus quejandos manequins que não são armas de que possa usar uma pessoa que se prese.

E... acabe lá com... o romance da minha apostasia para eu depois lh'o escapellisar.

No entanto faça-o sem cyrineus nem maraus!

N'estes aconselhe-os a largarem o rabecão e a irem fazer pi-

FOLHETIM

O PECCININO

Ou

O Bandido Nobre

Por

GEORGE SAND

A casa formigava de operarios que trabalhavam ha quinze dias na sala de baile sob a direcção do mordomo Barbagallo, perito n'esta profissão, e sob a influencia muito preponderante do mestre Pedro Angelo Lavaratori, cujo gosto e habilidade eram reconhecidos e justamente apreciadss pelos seus conterraneos.

No primeiro dia, Miguel, fiel á sua palavra, e resignado com o destino, fez grinaldas e arabescos com seu pai e os demais aprendizes que este chamara para os coadjuvar. Não passou d'este dia a sua tarefa como simples operario; logo no immediato Pedro lhe annuncia que a princeza lhe confiava o trabalho de pintar figuras allegoricas no tecto e pela telas das paredes pertencentes ao salão. Entregavam ao seu gosto a preferencia e as dimensões dos assumptos; forneciam-lhe todos os materiaes; pediam-lhe unicamente que se desembaraçasse e tivesse confiança em si mesmo.

Esta obra não exigia nem grandes attenções, nem o bem acabado ou o mais perfeito; abria porem, caminho á sua imaginação; e quando se viu de posse d'esta vasta incumbencia onde livremente podia phantasiar teve uns intantes de puro arroubamento, e enlevou-se mais do que nunca do seu destino de artista.

O que veio acabar de enthusiasmal-o por esta tarefa foi, o participa-lhe a princeza, por intermedio de seu pai que, se a sua composição fosse simplesmente soffrivel, ella daria por soldada a quantia de que Pedro lhe era devedor; e se merecesse as encomios dos mestres seria remunerada com o dobro.

D'este modo iria Miguel de certo tornar-se independente, e talvez ser rico, ainda que mais não fosse senão por um anno, se desses provas do seu talento.

Um unico terror, esse enorme, veio entibiar a sua alegria: Estava fixo o dia da recepção e não estava na alçada da princeza addial-o. Apenas oito dias lhe restavam, nada mais que oito dias! Para um decorador exercitado mais não lhe seriam necessarios, mas para Miguel, que n'este genero nada ainda fizera em ponto gran e e que não podia negar o leval-o a isso um sensivel amar proprio, era tão pouco, que de tal se lembrar um suar frio lhe humedecia a fronte.

N'esta conjunctura poderosamente o auxiliou o haver na infancia acompanhado seu pai no trabalho e o ter assistido depois ás deluições das substancias empregados, cujos processos se lhe tornaram familiares e bem assim a geometeria dos ornamentos. Eram, porém, tantos os assumptos que phantasiava, era tão prodiga a sua imaginação, que o determinar-se por um, era-lhe motivo de grande tortura. Passa duas noites a desenhar as suas composições, e todo o dia no estrado a adaptal-as ao local. Não pensava em dormir, em comer, nem mesmo em reatar os demorados colloquios com sua irmã, sem resolver definitivamente qual o assumpto da sua obra.

Escolhido que foi de vez se dirigiu logo ao meio do parque, onde a sua tela, azul celeste, com cem palmos de estensão, se achava estendida pelo atrio d'uma antiga e arruinada capella.

Ahi, ajudado por alguns e bons aprendizes que lhe apresentavam as tintas taes como deviam ser applicadas, pedia ás musas que dessem á sua mão tremula a experiencia e o saber precisos. Acabada a invocação, e armado finalmente d'um gigantesco pincel, que milhor se poderia qualificar de vassoura, esboçou o seu Olympo, e trabalhou com tanta actividade e esperança, que dois dias antes da festa as telas se achavam promptas.

Teve de assistir ao trabalho de as adaptar para as corrigir nos pontos infallivelmente deteorados por esta operação.

Tambem teve de ajudar seu pai, que, atrasado para o attender ainda tinha por ajustar muitas bordaduras do tecto e cornijas.

Para Miguel, passaram-se qual um sonho estes oito dias, e os poucos instantes de repouso que a si permitte pareceram-lhe deliciosos. Era admiravel a casa de campo, tanto no interior como por fóra. Os jardins e o parque davam uma idêa do paraiso terreal. A natureza é tão fecunda n'esta região, as flores tão bellas e suaves, a vegetação tão esplendida, as agoas tão cristallinas e correntes que a arte pouco tem que fazer para crear delicias á volta do palacio; Não obstante, aqui e alem blocos de lava e planicies de cinzas offerecem a imagem da desolução a par do Elysio. Mas estes horrores augmentam o encanto dos *oasis* que os fogos vulcanicos pouparam.

O edificio situado a meio d'uma collina que apresentava o seu vulto ás invasões do Etna permanencia, ha seculos incolume dos continuas desastres que podera contemplar tranquillamente.

O palacio era muito antigo e d'uma architectura elegante ao gosto serraceno. A sala de baile que abrangia agora o primeiro andar fazia um singular contraste com as cores escuras e os ornamentaes severos dos andares superiores.

No interior, mais frisante ainda era o constraste. Emquanto que tudo era ruido e confusão n'aquelle, era tudo socego, ordem e mysterio no mais elevado que a princeza habitava.

Miguel entrava n'esta parte reservada, a hora das refeições por lhe ter sido destinada, como uma graciosidade especial, a pequena dispensa envidraçada, onde comera no primeiro dia com seu pai.

Elles estavam ahi sempre sós, e se a cortina voltou a agitar se foi de modo tão imperceptivel que Miguel não póde ter a certeza de haver inspirado uma paixão romanesca á senhora primeira camarista.

O palacio encostava-se a rocha; os aposentos da princeza ficavam ao nivel das terraços enfeitados com flores e repuxos e quem descesse uma escada estreita talhada na encosta ia ter ao parque á compina.

(Continua).

Clara de Miranda,